

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

1299

Sessão Plenária de Homenagem
ao Eminente Académico
Prof. Doutor Egas Moniz



LISBOA — XL

C
CT
A

Folheto

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

Sessão Plenária de Homenagem
ao Eminente Académico
Prof. Doutor Egas Moniz



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA
MILMULO DE CARVALHO

RC
MNCi
92
ACA

LISBOA — XL

Comp. e imp. na «Otlografica, Ltd.»—L. Conde Barão, 50—Lisboa

A sessão plenária de 1 de Fevereiro de 1940 na Academia das Ciências de Lisboa resultou em calorosa homenagem, prestada ao eminente académico Senhor Egas Moniz. A teia estava repleta de académicos efectivos e correspondentes; na parte destinada ao público viam-se notabilidades médicas e muitas senhoras, que enchiam completamente a sala. Aproveitando a cerimónia da transferência dos poderes da Presidência, a Academia manifestou ao insigne homem de ciência o seu alto preito e comovida satisfação por se ter salvo do gravíssimo acidente que, no ano passado, pusera em grave risco a sua vida.

As notáveis orações académicas pronunciadas nessa memorável sessão compõem o presente volume.

Transmissão de Poderes

Quando, há meses, em hora amarga, corri ao hospital para me informar do estado de um amigo que fôra vítima do atentado de um louco, cheguei a pensar — quanto semelhante ideia foi dolorosa para mim! — que não teria já a alegria e a honra de transmitir a êsse amigo, meu indigitado sucessor, os poderes inerentes ao govêrno desta casa. Poder fazê-lo hoje é, pois, motivo não apenas de júbilo para o meu espirito, mas de vivo contentamento para o meu coração. Explica-se assim que uma simples transmissão de poderes, acto vulgar do nosso ritual, se converta numa verdadeira festa da familia académica e no justo preito a um homem cuja vida e cuja obra ilustram a Nação e a Ciência.

O professor Egas Moniz, com o qual estou habituado a alternar as funções da presidência da Academia (*hodie mihi, cras tibi*), é, pelas suas qualidades eminentes, pela sua distinção pessoal, pela pluralidade das suas aptidões, pela universalidade do seu saber, o presidente ideal de uma corporação como a nossa, que abrange, na sua organização e nos seus quadros, a representação de tôdas as actividades do espirito. Nêle concorrem, na exacta medida que caracterizou outrora certos pensadores da Renascença, o culto das humanidades e o amor da ciência; nêle se aliam o homem de Estado e o diplomata, o escritor e o orador, o professor e o clínico; e de tal maneira, na mentalidade opulenta de Egas Moniz, estes aspectos na aparência contraditórios se conjugam e se harmonizam, que nós temos a impressão, não da divergência mas da convergência dos valores, não da dispersão mas da concentração, não da variedade mas da unidade. As grandes figuras representativas do génio de um povo ou da cultura de uma época, são geralmente assim, ondulantes e diversas nas suas manifestações, harmoniosas e unitárias na sua expressão integral. Porque os homens como Egas Moniz se não confinam num único sector de conhecimentos e realizam sínteses superiores de cultura, dominam todos os campos e vêem-se de toda a parte. A Academia das Ciências de Lisboa, elevando à mais alta

magistratura académica, para o ano jubilar de 1940, o insigne professor e homem público, mostrou, mais uma vez, que possuía a noção das suas responsabilidades e a consciência da sua missão histórica.

Entrego, pois, ao professor Egas Moniz, meu bom amigo, o govêrno da Academia, congratulando-me por que a Providência, que o restituiu à plenitude das suas possibilidades magníficas, me permitisse fazê-lo. Sei que não lhe transmito um título vão, mas um pesado encargo. Reconheço que, em nenhuma época da vida quási duas vezes secular desta casa, foi, como hoje, difícil governá-la, tão vasto é o programa de trabalhos que se está executando, tão diversas as formas de colaboração que as circunstâncias exigem de nós. Pagamos neste ano à Nação a dívida de muitas gerações académicas. Damos-lhe o inventário geral das riquezas da língua; um cânone lingüístico completo; a bibliografia portuguesa; a edição crítica de obras científicas nacionais do século XVI. Abrimos solenemente as nossas portas para a realização de congressos; para a glorificação do idioma pátrio, instrumento do vasto império espiritual que ainda exercemos no mundo; para a exaltação dos juriconsultos, dos diplomatas, dos economistas, dos poetas da Restauração. Continuamos a ser o último grande salão literário que Portugal oferece ao convívio internacional, e onde as glórias europeias discursam e se encontram. De que o nosso programa se cumprirá, são seguros penhores o alto espírito e o prestígio pessoal do meu eminente sucessor. Não podem os destinos da Academia repousar em mais nobres mãos. Todas as qualidades que o exornam são inestimáveis para nós. O homem público, que sabe o que são hábitos de govêrno porque já governou, assegurará sem esforço a unidade cultural e política das nossas actividades; não deixará o humanista de presidir ao nosso intenso labor filológico; o diplomata, negociará com tacto, receberá com elegância, sorrirá com distinção; sem dúvida o orador admirável vai honrar mais uma vez a Academia com o esplendor da sua palavra; e quem sabe—Deus meu!—se o médico nos será preciso também, quando, exaustos de trabalho, chegarmos ao fim do ano de 1940.

Nas funções da presidência da Academia, outrora ostentosas e brilhantes, hoje ingratas e difíceis, há, pelo menos, um momento agradável: é aquêlê em que as entregamos a quem as exercerá melhor do que nós. Transmitti-las, porém, a Egas Moniz, grande figura do professorado universitário e da ciência portuguesa, não constitue apenas um prazer, mas uma honra.

JÚLIO DANTAS

(Lido na sessão plenária de 1 de Fevereiro de 1940).

Egas Moniz, homem de Estado

Eu não venho abusar da paciência e da generosidade de V. Ex.^{as}, falando largamente da personalidade, a tantos títulos notável, do Dr. Egas Moniz, como político e como diplomata. Para o considerar sob estes aspectos tenho de remontar a um passado de mais de vinte anos; e confesso que preferiria ter de falar do Dr. Egas Moniz de hoje, do universitário de grande reputação, cuja excepcional autoridade provém da sua vocação para o ensino, do seu talento criador, de um como que anseio da descoberta científica, da sua elegante erudição, do seu penetrante espírito crítico e até do seu singular poder de auto-crítica e do exercício de uma profissão cumprida com devoção e com nobreza. Dir-se-ia que o grande Frederico Wolf, ao traçar, num dos seus notáveis programas, o perfil do perfeito universitário, tivera diante de si, como modelo, a figura do professor Egas Moniz.

Mas tenho de volver o olhar para um outro e menos grato, embora sempre sugestivo e tentador domínio—o da política.

Falemos de Egas Moniz homem de Estado.

Os velhos quadros da política estão hoje quebrados. Aquilo que constituía há duas ou três dezenas de anos a preocupação dominante dos políticos—os interesses e as paixões dos partidos, as lutas eleitorais e parlamentares—não era senão a superfície da política que, na sua essência, tem de prender-se às realidades profundas de que dependem a vida e o futuro dos povos. A cada passo, nessa fase de delirante romantismo político, se tomavam desejos por realizações, palavras por factos, preferências políticas por força política, sistemas sociais pelo verdadeiro interesse geral. Edificava-se sobre um frágil pedestal de ilusões e de preconceitos. A função parlamentar deformara-se e transviara-se, do mesmo passo que a instabilidade ministerial, a multiplicação dos grupos políticos, as rivalidades pessoais levavam à completa impotência governativa. Falava-se então muito em liberdade, não se vendo que o dever para aqueles

que conservam puro o amor da liberdade não é só invocá-la, mas pensá-la, isto é, o dever de fazer a revisão das próprias ideias políticas e pôr de parte um sistema sempre que elle não se adapte à época em que vivemos. O patriotismo parecia consistir então num mixto de interêsses, de ternura e de hábitos indulgentes; o vínculo forte que deve prender cada um de nós ao país quasi se limitava a uma simples ligação sentimental. Muitas palavras, menos dedicações; quasi nada de politica de cooperação construtiva, muito de politica de desagregação.

Era assim no tempo de Egas Moniz — eu ia a dizer, era assim no nosso tempo — ao findar a monarquia. E o sistema, talvez porque era vicioso, havia de tender a perdurar.

Nessa fase de parlamentarismo doentio, de parlamentarismo suicida, uma figura se impôs à consideração e ao respeito de todos — a do Dr. Egas Moniz. Com que elegância moral, com que arte, em que, fugindo à sua maneira oratória, não raro se conjugavam o espirito de síntese e a perfeita medida da emoção—era o politico a entremostrear já o académico—e também com que desassombro, naqueles seus trabalhados discursos, como naquelas magnificas improvisações de que parecia ter o segrêdo, elle soube fazer a critica dos homens, das ideias e dos processos politicos de então!

Implantada a República, ao professor Egas Moniz, como a tantos outros, dominou-o o sentimento respeitável de abrir as portas do futuro sobre um novo paraíso constitucional. Foi um dos mais brilhantes defensores de uma constituição parlamentarista; os seus discursos ficaram como um exemplo de firmeza e como um modelo de lógica. Veio breve a decepção: a politica, pela sua índole, não favorece os longos idílios. E em Abril de 1912 o Dr. Egas Moniz abandonava a tribuna parlamentar que tanto soubera honrar e prestigiar.

Decorridos cinco anos, e em curso a experiência politica do centrismo, a revolução de 5 de Dezembro havia de vir imprimir uma orientação inesperada à politica portuguesa. Com a nova situação politica ia iniciar-se a carreira diplomática do professor Egas Moniz, curta mas notável carreira de um ano — desde 16 de Março de 1918, dia em que entregava em Madrid as cartas que o acreditavam como ministro plenipotenciário junto do rei Afonso XIII, até 16 de Março de 1919, em que abandonava a presidência da delegação portuguesa à Conferência da Paz.

Foi um ano de actividade diplomática brilhante e fecunda. O Dr. Egas Moniz revelou-se o tipo acabado do diplomata moderno.

Durante muito tempo, os diplomatas como que não tinham fisionomia própria; quando muito, notavam-se nêles certas singularidades profissionais, certos hábitos de reserva, de cálculo, de simulação, de finura. La Bruyère, no seu conhecido e famoso retrato do diplomata, pôs em relevo a rotina inconsciente que era inseparável da actividade diplomática. A diplomacia era, por assim dizer, uma função meramente administrativa.

Mais tarde e pouco a pouco foi-se desprendendo da sua roupagem clássica, pouco menos do que inútil; foi penetrando na vida privada; e os interesses dos Estados começaram a aparecer confundidos, por vezes demasiadamente confundidos, com as aventuras íntimas. Era a fase da diplomacia mundana. Não foi longo o seu reinado: a diplomacia mundana devia ceder o lugar à diplomacia mundial. Já não é só pela discreção e por uma como que imparcialidade íntima aliada ao esquecimento de si próprio, já não é só pela habilidade em encontrar fórmulas de cortezia que dissimulam as recusas ou reduzem as divergências, que os diplomatas devem brilhar, mas também, e sobretudo, pela extensão e pela solidez da sua cultura. Têm de estar largamente documentados. Uma espécie de turbilhão os impele não só para as negociações discretas e pacientes, mas para o movimento geral da vida. Questões políticas; questões culturais; questões sociais; questões económicas, ligadas ao comércio, à indústria, à agricultura, à moeda; acordos internacionais em matéria de trabalho, de alfândegas, de contingentes, de salários, de emigração de capitais, de exportação da mão-de-obra, de *clearings*—tudo respeita agora à sua actividade.

E foi assim que Egas Moniz compreendeu e praticou a diplomacia...

Briand, artificioso construtor da Europa nova, cujo poder de sedução pessoal tão bem conheci, veio, próximo de nós, defender e praticar um novo método em diplomacia—a diplomacia espectacular, indiscreta, diplomacia que se chamou da praça pública. Mais recentemente ainda, neste momento, havíamos de ter a diplomacia ambulatória, a diplomacia itinerante; e devíamos ver surgir também uma concepção geométrica, perpendicular, da diplomacia: apareceram assim os eixos e os triângulos. E, com uma expressão importada da economia monetária, chega a falar-se hoje de alinhamentos diplomáticos. A diplomacia tomou o aspecto de um perturbante dinamismo; é quasi sempre diplomacia improvisada e a verdadeira diplomacia é refractária à improvisação. É daí que provêm não poucos dos desastres diplomáticos dos últimos tempos e a difficil situação actual de alguns Estados. Esqueceu-se, não raro, aquilo a que Albert Sorel chamava os factos per-

manentes, que condicionam as directrizes profundas da vida dos povos. Nós assistimos com melancolia, com amargura e até com uma espécie de fatalismo ao desabar das frentes diplomáticas; e desabam precisamente porque foram mal construídas.

Egas Moniz, na esfera da actividade internacional portuguesa de então, procurou ser um construtor seguro. Na Legação de Portugal em Madrid foi dominado constantemente pela preocupação de promover a cooperação com a Espanha nos problemas de fomento luso-espanhol: ligação ferro-viária mais rápida entre Lisboa e Madrid, questão das quedas do Douro internacional, problema da pesca, problema corticeiro. Mas foi, sobretudo, no reatamento das relações diplomáticas de Portugal com a Santa Sé, interrompidas em consequência da lei da separação, que, durante a sua estada em Madrid, mais vivamente se empenhou, com um tacto e uma habilidade consumados e também com uma segura visão dos acontecimentos, o ministro Egas Moniz. Discutindo com diplomatas da Curia Romana, Egas Moniz soube medir-se com êles. E Portugal regressou às suas antigas relações com o Vaticano. Satisfação foi dada ao sentimento católico, tão vivo, por assim dizer, intuitivo no povo português. Tôda a atmosfera católica nos penetra do ar espiritual, que respiraram os nossos antepassados. As únicas pompas dignas de celebrar as grandes aventuras da Pátria e capazes de fazer evocar os mortos aos olhos dos vivos, ainda são as pompas do catholicismo.

Uma crise ministerial levou o Dr. Egas Moniz ao Ministério dos Negócios Estrangeiros e, como consequência, à Conferência da Paz. Foi uma fase de trabalho, ao mesmo tempo delicado e árduo, a da preparação, sob a presidência de Egas Moniz, para aquela histórica conferência: bastaria citar, entre tantos outros, os trabalhos relativos ao problema das reparações, ao problema colonial, à questão do apresamento dos navios inimigos. A acção desenvolvida então pelo Dr. Egas Moniz—e referência especial deve fazer-se ao apoio que, em tão difficil conjuntura, soube conseguir da nossa secular aliada—essa acção, tão inteligente como patriótica, merece o reconhecimento de todos os portugueses.

As vicissitudes da política trouxeram a substituição da delegação portuguesa em Paris. Boa estrêla acompanhou o Dr. Egas Moniz, que se viu assim dispensado de colaborar nesse infeliz instrumento de discórdia a que se chamou Tratado de Paz. Bem mostrou êsse tratado que há homens, aliás eminentes, que possuem para o êrro político como que uma

espécie de génio. Não pouco êle serviu de razão ou de pretexto para a guerra actual — a guerra que constitue, no meio da nossa esplêndida civilização material, um verdadeiro acto de selvajaria jurídica. Perdida na noite de duas paixões rivais, a alma europeia parece ter entrado na agonia.

Mas eu não quero terminar com uma palavra de descrença ou de tristeza, nesta sessão de homenagem a um português insigne, que tem sabido guardar através de tóda a sua vida o dom mais precioso de todos — o do optimismo, o da infância do coração. Quero confiar ainda, devemos confiar todos em que, do mesmo modo que a abelha virgiliana nascia outrora do sangue de um animal corrupto, uma Europa nova e bela e forte nascerá um dia das ruínas e da fermentação imensa dêste velho Continente em decomposição. Será então a vez daquele futuro admirável e daquele triunfo do espírito de que fala Keyserling.

CAEIRO DA MATA

(Lido na sessão plenária de 1 de Fevereiro de 1940).

Egas Moniz, orador

SENHOR PRESIDENTE, MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES:

Esta sessão, por tantos títulos magnífica, a que dá excepcional realce a assistência, singularmente selecta, o que é grande honra para todos nós, e a que o Dr. Júlio Dantas, nosso insigne Presidente cessante, deu início com a sua palavra tão colorida, elegante e sedutora, esta sessão, deveras solene pelo intuito nobilíssimo que a determina, visa, fundamentalmente, a ser prestada justa homenagem ao Professor Egas Moniz, académico prestigioso como poucos, e cujos altos dotes são dignos de subido encarecimento.

Vítima de atentado brutal, estivemos na iminência da sua perda, o que a todos causou a mais penosa emoção.

Nessa grave conjuntura, Egas Moniz evidenciou, uma vez mais, a energia do seu carácter e a bondade do seu coração, tão assombrosa foi a serenidade que manteve, quando devia presumir-se ferido de morte, e tão magnânima a generosidade para com o agressor.

Essa grandeza de ânimo impôs geral respeito e funda simpatia pelo médico insigne, inesperada e violentamente lesado, no exercício espinhoso da sua nobre profissão.

Para ventura nossa, o seu organismo, de extraordinária resistência, auxiliado pelos cuidados solícitos de clínicos proficientes e inexcedíveis na dedicação, revigorou-se, e aqui o temos, de novo, na posse plena das suas faculdades reluzentíssimas, de que foram recente e exuberante confirmação o estudo interessante sobre Júlio Diniz—comediógrafo—exposto numa das últimas sessões da nossa Sociedade, e a conferência sobre as Psicoses Sociais, feita na Ordem dos Advogados, em que, além da contextura geral, magistralmente elaborada, pudemos apreciar a sua eloquência, em especial na peroração, que o auditório entusiásticamente aplaudiu.

Não há dúvida:

Egas Moniz mantem-se tal qual o conhecíamos. Com que prazer o temos verificado e eu friso agora!

Era natural que a Academia, que tanto lhe deve, celebrasse, comodamente, na primeira oportunidade, o seu restabelecimento, e, a propósito, exteriorizasse viva gratidão pelos relevantes serviços que lhe tem prestado, enaltecendo-a—literária e cientificamente.

Por seu turno, pôr em destaque os méritos e virtudes do académico de privilegiados talentos, do professor abalisado, do investigador de rara intuição científica e do orador que tem iluminado a nossa tribuna com os fulgores da sua palavra admirável, era dever bem grato a todos nós.

Ao receber a cativante incumbência de, nesta sessão memorável, delinear o seu perfil oratório, não a declinei, por pálida que seja, e infelizmente é, a minha palavra, tão excepcionais homenagens merece quem, com a mais esmerada distinção, tem honrado a Academia, o magistério e a tribuna parlamentar.

Seguimós a sua doença com pungente ansiedade, nas fases angustiosas que atravessou: é hoje intensa a nossa alegria, vendo-o miraculosamente restabelecido e entregue à sua actividade fecunda, proteiforme e sempre brilhante.

Quanto vou dizer não será, em rigor, um discurso; limitar-se-á a uma enternecida saudação que outros fariam perfeita, mas não mais sentida.

SENHOR PRESIDENTE, MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES:

Egas Moniz é orador há muito consagrado. A sua palavra bela, tem várias modalidades, segundo a matéria que versa, o auditório que o escuta e a tribuna em que se encontra.

Possue os dotes naturais dos grandes oradores que a sua vasta cultura, em muitos ramos do saber humano, tem aprimorado.

Contribue sobremaneira para a sua cativante elocução o profundo conhecimento da nossa formosa língua que nenhuma outra excede e que a tudo se presta—ao debate político violento como à conferência que encanta e à prelecção que instrue, atenta a variedade de expressões desde as mais suaves às mais veementes. Mercê dela, podemos descrever, com sedutor relêvo, as nossas múltiplas paisagens—pitorescas umas, grandiosas ou-

tras, algumas de excepcional encanto, quasi paradisíacas, e manifestar, com a devida acentuação, todos os sentimentos da nossa alma. Finalmente, é susceptível das mais preciosas construções verbais, o que lhe aumenta o valor para quem fala.

Ora Egas Moniz conhece-lhe os segredos, surpreendeu-lhe as belezas e manobra-a maravilhosamente, com as suas cambiantes e tonalidades, apropriando-a de forma modelar, aos assuntos que ventila. Desta arte, enleva-nos nas conferências, elegantemente proferidas; atrai-nos, com indizível deleite, nas proleções, tão amenas e instrutivas, da mesma maneira que, no Parlamento, aquecia e entusiasmava o auditório, prêso da sua palavra fluente, comunicativa e vibrante.

Mas não são apenas a sua cultura extensa e variada e o conhecimento da língua que poderosamente contribuíram e contribuem para os triunfos oratórios de Egas Moniz. Igualmente colaboram, em íntima harmonia, a voz e o gesto: a voz é apta para as grandes sonoridades e para as doces entoações; a gesticulação natural, fácil e distinta, subordina-a, com arte, aos temas de que trata, às fases singelas ou ardentes do discurso como também à assembleia em que se encontra. É importantíssimo êste dote oratório quando espontâneo, sem esforço, artifício ou hesitação: precisamente tal lhe sucede.

Há gestos que valem mais do que as palavras que se proferem; todavia, se em feliz conjunção com estas, dão-lhes o máximo relêvo.

Os gestos majestosos de Bossuet, os veementes de O'Connell, Mirabeau, Gambetta e José Estêvão e os de rara elegância de Berryer e António Cândido muito influíram no assombro e extase causados pelos seus discursos de excepcional grandeza: eram, êsses gestos belos, bem dignos de ter sido immortalizados pela estatuária.

A palavra pode ser bela; se a gesticulação, porém, fôr defeituosa, excessiva ou deficiente, o discurso ressent-se e a impressão que produz é muitíssimo prejudicada; pelo contrário, quando harmónica com a dicção e o assunto, como que esmalta e engrandece a oração que se profere.

*

Egas Moniz entrou jovem no Parlamento, em quadra ainda notável da nossa eloquência política.

Afirmou-se, logo de início, orador distinto e culto, num meio em que constituíam pleiade brilhantíssima oradores de excepcional vulto que, infelizmente, a morte já levou, deixando-nos intensa e perdurável saudade.

Tais foram : António Cândido, águia e cisne ao mesmo tempo, cuja eloquência, primorosamente académica, tinha voos surpreendentes e sumo encanto na sua requintada delicadeza, infinita bondade e ternura ; Hintze Ribeiro, extraordinário na defeza política em que ninguém o igualava ; Júlio de Vilhena, elegantíssimo no dizer ; José Luciano de Castro, orador espontâneo, fluente, sereno, irónico ou ardorosamente apaixonado, segundo a natureza e a fase do debate, mas sempre irrepreensivelmente polido, o qual nem nas conjunturas mais tormentosas vacilava, e muitas teve, tão rija era a tèmpera do seu carácter e da sua vigorosa e inconfundível personalidade política ; Ressano Garcia cuja cabeça parecia resplandecer, quando discursava, e cuja poderosa dialéctica ninguém excedia ; João Franco, João Arroio, José Maria d'Alpoim, Eduardo Vilaça, gentil em tudo, física e moralmente, e vários ainda que souberam honrar o parlamento e iluminar a sua tribuna com os formosos lampejos dos seus talentos oratórios, diferentes, sem dúvida, mas todos da maior elevação.

Pois bem : foi nesse luzidíssimo meio e em quadra revôlta, em que as paixões já tumultuavam desordenadamente, que apareceu Egas Moniz.

Jovem, fogoso, de palavra fácil e brilhante, impôs-se imediatamente, o que era bem difícil, concitando a admiração e a simpatia de amigos e adversários, o que era mais difícil ainda.

A sua fama foi em rápida ascensão, em virtude das suas qualidades pessoais atraentes, do estudo cuidado das questões que debatia e das invejáveis faculdades de orador que progressivamente foi aperfeiçoando, adaptando-as à nova feição que a arte oratória foi adquirindo.

Esta, com efeito, não tem sido sempre vasada nos mesmos moldes— não cristalizou. A de há 50 anos para trás, que fazia as delícias da geração desses tempos idos, caracterizava-se por excessivo lirismo, extraordinária magnificência verbal e grande sumptuosidade de imagens, havendo sido, lá fora, o seu mais prodigioso representante—Emílio Castellar—o príncipe dos oradores espanhóis do século passado.

Entre nós teve cultores eloquentíssimos e um dos maiores, indubitavelmente, foi Pinheiro Chagas, figura excelsa, nobilíssima, da tribuna portuguesa, académica e parlamentar, cujo verbo, singularmente floreado

e vibrantíssimo, se inspirou sempre (como é grato dizê-lo!) nos mais puros ideais e no mais acrisolado patriotismo.

*

Nada é imutável: a oratória não podia ser excepção.

Foi-se modificando no sentido da elegante sobriedade e impecável nitidez da frase, revestindo-se o discurso, cada vez mais, da simplicidade e beleza helénicas, o que não exclue, em determinadas circunstâncias, os raptos maravilhosos da sublime eloquência. Atingiu o máximo relêvo, colorido e harmonia, em António Cândido, cujos discursos, mesmo lidos, prendem, seduzem e empolgam: são eternos como eternas são as obras geniais de Miguel Angelo, Rembrandt ou Beethoven.

Egas Moniz seguiu essa evolução. A sua maneira de dizer, calorosa e sempre elevada, aprimorou-se sucessivamente, de molde a conseguir ser o que é—orador perfeito—qualquer que seja a tribuna que a sua palavra illustre e aqueça, sem a pompa antiga, pesada erudição ou citações históricas, ditas a cada passo, de que tanto se abusou e, na quadra actual, não cativam deleitosamente os auditórios.

*

Falar bem não é fácil: ser eloquente é mais difícil.

Torna-se mister haver nascido com êsse dom estranho, susceptível de se evidenciar, mesmo na ausência de vasta cultura intelectual, aliás muito útil ao realce do discurso.

Ser eloquente, é não só dizer bem, mas dizer com intenso sentimento o que o cérebro gera ou nos vem do coração; é ter a arte de acender no auditório a chama que ao orador anima; e quando a eloquência atinge proporções gigantescas, e só excepcionalmente tal sucede, então, é, sem dúvida, dom divino: nenhum o excede.

Demóstenes, Esquines e Démades na velha Grécia, grande em tudo excepto no território bem minguado; Cícero, os Gracos e César na Roma

antiga, fecunda nos floreios oratórios; Sheridan, os Pitt e Gladstone, em Inglaterra, sempre elevada na tribuna política; Bossuet, a águia soberana do púlpito francês e Mirabeau, o mais formidável orador da revolução, em França, nação pródiga em oradores insignes; o extraordinário e erúdito dominicano, de fama mundial, Frei Luiz de Granada, apelidado o Cícero espanhol, falecido em Lisboa, na quadra sombria e ominosa dos Filipes, e os nossos gloriosos Padre António Vieira, José Estêvão e António Cândido, cujo acendrado patriotismo, nobreza de pensamento e sublime inspiração os irmanaram aos maiores oradores de todos os tempos, tiveram êsse dom maravilhoso no seu máximo esplendor.

Por tal motivo, na sua palavra admirável, tantas vezes fulgurante e augusta e sempre bela, houve deslumbramentos assombrosos que os imortalizaram.

Não é necessário, porém, atingir essas radiosas eminências, quasi inacessíveis, para se merecer a designação de orador eloquente.

Aqueles tribunos prodigiosos, há pouco citados, foram verdadeiros génios; constituíram, com alguns outros, excepções luminosíssimas, como que sôbre-humanas, da suprema eloquência: como tal devem ser apreciados.

Não, não é preciso ascender tão alto para alguém ser considerado com justiça orador eloquente.

Para tanto basta, mas é muitíssimo, ter superior talento e subida inspiração para agitar, comover e dominar a assembleia que assiste, fortemente, ao discurso que se pronuncia.

Ora Egas Moniz possui esse sedutor engenho: o seu verbo sugestivo e cintilante é dotado da força e magia indispensáveis (o que só eleitos têm) para, em momentos de intensa vibração, prender e arrastar, fascinado, o auditório que o escuta.

Que arte a sua e como eu a desejaria com igual elevação!

*

Porque as faculdades inatas de Egas Moniz, como orador, são excepcionais, não surpreende que seja notável quando medita o discurso que tem de proferir (e a maioria dos oradores assim procede) como também

nas ocasiões em que, em virtude de circunstâncias incidentais—uma palavra que fra, uma afirmação que revolte ou procure deslustrar a causa que se defende—entra inopinadamente no debate.

Se é certo que, na maioria dos casos, como presumo, pensa detidamente, reflecte, sob os seus diferentes aspectos, e compõe, pelo menos nos seus delineamentos principais, o que tem de dizer, nunca se escravisa ao que previamente elaborou—o que muitos fazem e é perigosíssimo, excepto se a memória fôr prodigiosa. A êste propósito, sem falar no passado distante e sem fazer referência a oradores estranhos, limitar-me-ei a citar, entre os nossos grandes cultores da palavra falada, Alves Mendes, orador sagrado muito opulento no estilo, exuberantemente floreado, e Alexandre Braga cuja famosa memória tão celebrada tem sido e deveras contribuiu para os seus êxitos oratórios, nos quais muito influíram também a voz admiravelmente timbrada e melodiosa e as atitudes, por vezes esculturais. Um e outro reproduziam na íntegra, com extremada arte, o que haviam escrito pouco antes: era surpreendente! Essa faculdade, elevada a tão alto grau, utilíssima a quem fala, vários a têm possuído e facilita a improvisação brilhante, atenta a multiplicidade de conhecimentos e imagens, adquiridos pela incessante cultura dos oradores que se prezam, e retidos até nos mínimos pormenores. Não sei se Egas Moniz dela é dotado; sei, porém, que, ainda quando prepara cuidadosamente os discursos, deixa bastante à inspiração de momento: confia em si e faz bem. Com efeito, se fala de improviso, tem a sua palavra, desde que esteja vivamente impressionado, fulgentíssimas vibrações, o que só aos oradores de raça sucede.

A estas raras faculdades, associa a elegância da frase, com o que alguns oradores se não preocupam demasiado mas Egas Moniz nunca descursa.

A sua palavra é finamente recortada, até nos discursos que lhe brotam espontâneamente impetuosos. Êsse esmero literário revela-se nitidamente nos discursos parlamentares, mesmo nos incisivos e apaixonados; nas conferências sempre leves, variamente coloridas e interessantíssimas, e nas preleções magistraes em que tem o condão de prender os alunos, absorvidos não só nos ensinamentos que lhes ministra mas também na beleza de expressão do Mestre a que muito querem e admiram, o que é naturalíssimo: a ciência, expressa com aridez, torna-se fastidiosa, ao passo que, dita com simplicidade e elegância, fixa a atenção e enleva—é o que sucede com o Professor ilustre que hoje celebramos.

*

A palavra falada de Egas Moniz é bela, sem dúvida; também o é, porém, a palavra escrita: os seus trabalhos científicos o atestam e bem assim os literários, de entre os quais me permito destacar agora (porque a outrem de excepcionais qualidades e talento cabe a sua apreciação) o estudo exhaustivo sobre Júlio Denis, cuja obra literária soube examinar com a maior proficiência e carinhosa solicitude.

Nessa admirável monografia, de extensa documentação, o estilo é singelo, fluido, límpido: é, como devia ser, no exame meticoloso da obra do adorável romancista, também médico e professor, que, com excepcional perícia e rigorosa observação, descreveu alguns dos mais simpáticos tipos da nossa terra. Por vezes o estilo de Egas Moniz é tocado da melancolia de que está repassada a obra literária de Júlio Denis a qual tanto nos sensibiliza, lendo-a, e a tuberculose pulmonar que o minou, facilmente explica.

Há dias, na sessão da Academia em que foi celebrado o grande romancista, o nosso preclaro confrade—Conselheiro Fernando de Sousa—espírito de eleição, que no nosso meio singularmente se destaca pela sua variada cultura—disse não ter podido retor as lágrimas, lendo de novo, recentemente, os *Fidalgos da Casa Mourisca*: não surpreende que a prosa de Egas Moniz se ressentisse da encantadora ternura e tocante tristeza que transluzem na obra admirável de Júlio Denis, tão delicada é a sensibilidade afectiva de Egas Moniz. Esta, os íntimos, conhecem-na bem e apreciam, tantas vezes comovidos, a sua bondosa exteriorização.

*

Egas Moniz entrou na Faculdade de Medicina de Lisboa com o aplauso unânime do seu corpo docente e aí tem afirmado, com a maior distinção e profusamente, os seus altos méritos de professor que não se limita a ensinar com meticulosidade, evidenciando superior engenho na observação clínica, mas se dedica, com tenaz persistência, à investigação científica.

Realiza experiências cada vez mais perfeitas e, desta forma, aumenta

o saber humano, e colhe benefício para a colectividade, com o enriquecimento dos recursos terapêuticos. Desvendou os misteriosos arcanos de algumas doenças encefálicas, de diagnóstico até então nebuloso, o qual precisou; rasgou novos horizontes naquele complexo capítulo da palogia, o que é digno de especial registo e louvor.

A encefalografia arterial, que proficientemente tem estudado e será posta em relêvo por um dos mais notáveis professores da minha Faculdade, Reynaldo dos Santos, espírito interessantíssimo sob vários aspectos, deu-lhe grande renome, com reflexo honroso sobre as corporações a que pertence e ilustra, e sobre o nosso país que cientificamente eleva no conceito geral.

*

Por seu turno, os dotes de orador perfeito, nas suas diferentes modalidades, têm-se afirmado na nossa Faculdade, com grande brilho, de molde a serem mantidas as tradições deste Instituto de ensino, em que não têm sido raros os cultores primorosos da palavra falada e escrita.

Tais foram, sem ir demasiado longe: Tomás de Carvalho, grande anatómico e académico exímio; Manuel Bento de Sousa, cérebro poderoso, investigador e clínico de genial perspicácia, literato eminente e orador consumado; Sousa Martins cuja palavra formosíssima e torrencial, instruiu e deslumbrava e Carlos Tavares, singular no dizer a que imprimia estranhas vibrações. Estudante apenas, teve a suprema glória de arrebatara assembleia, extraordinariamente concorrida e culta, que assistiu, com repetidas manifestações de entusiasmo, ao seu monumental discurso sobre Camões, quando da celebração do centenário. Esse discurso, tão belo, ainda revive na memória de quantos tiveram, como eu, o inolvidável prazer de o ouvir, maravilhados pela sua eloquência ardentemente imaginosa. Poderia referir-me a outros oradores notáveis, dotados de brilhantes aptidões e vasta cultura, que souberam versar, com grande distinção, assuntos científicos, literários e artísticos; aqueles, porém, bastam para salientar a altura atingida pela eloquência na nossa Faculdade de Medicina.

Era mister que estas tradições nobilíssimas se não apagassem.

O seu actual corpo docente mantém-nas com elevação, é certo, mas a primazia, e nisto há o consenso unânime dos seus confrades, pertence a

Egas Moniz que as sabe realçar em tôda a sua grandeza, e por tal maneira que, se aqui estivessem presentes aquelas radiosas figuras da medicina portuguesa, que saudosamente invoquei, sentir-se-iam felizes em colaborar nas homenagens a quem, com inexcedível luzimento, cultiva a ciência e a arte em que foram mestres eminentes e a eloquência em que se tornaram insignes.

Essa felicidade e alegria, íntima felicidade e enternecida alegria, é precisamente o que hoje efusivamente nos anima a todos nós, que não a mim apenas, ao vermos de novo entregue à sua esplêndida e complexa actividade, com a frescura de espírito, pujança e lucidez de sempre, o professor e académico que tanto ennobrece a nossa Academia, a que é fervorosamente devotado, e sobremaneira exalta e glorifica a ciência médica portuguesa que muito lhe deve.

MOREIRA JÚNIOR

(Lido na sessão plenária de 1 de Fevereiro de 1940).

Egas Moniz e a sua descoberta da arteriografia cerebral

SENHOR PRESIDENTE, MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES :

Coube-me a subida honra de apresentar a V. Ex.^{as} o perfil do professor Egas Moniz no aspecto médico de homem de ciência. De facto não é o neurologista, cuja obra de professor e profissional é vasta, que me compete encarar: não tenho para isso a indispensável competência. Mas, foi certamente porque os meus trabalhos arteriográficos me permitiram, desde o início, seguir a obra científica do Prof. Egas Moniz, isto é, a arteriografia cerebral, que eu me encontro investido desta honrosa função.

De facto, em que consistiu esta descoberta essencial da neurologia moderna e da obra de Egas Moniz?

A descoberta da arteriografia cerebral consistiu em tornar visível aos raios X a circulação do cérebro, graças à introdução na carótida de uma solução opaca. O problema era complexo, porque era o problema geral da visibilidade da circulação e o especial, mais delicado de todos, da circulação dos centros nervosos.

Que antecedentes tinham um e outro?

Vários experimentadores haviam tentado tornar visíveis as circulações gerais ou regionais. Na Alemanha, Berberisch und Hirsch; em França Sicard; na América Barney Booths; tinham obtido, estes dois últimos com derivados do iodo, a opacificação da circulação. Mas, os solutos empregados, demasiado concentrados e irritantes para a própria circulação dos membros, eram absolutamente inaplicáveis à circulação cerebral. Daí um longo trabalho experimental de Egas Moniz, nos animais e no cadáver, até alcançar o soluto inócuo e suficientemente opaco para a aplicação no vivo. As suas primeiras comunicações de Julho de 1927 à Sociedade de Neurologia de Paris e à Academia de Medicina de Paris marcam a primeira vitória da aplicação à clínica. O objectivo semiológico de Egas Moniz foi o diagnós-

tico dos tumores cerebrais pelo desvio que o desenvolvimento destes havia fatalmente de trazer aos aspectos da circulação normal. O estabelecimento da carta radiográfica normal da circulação do cérebro foi logo a base comparativa para o diagnóstico dos casos patológicos. O grosso volume editado em Paris por Masson—*Encéphalographie Artérielle*—1931—seguido em 1934 do novo volume sobre—*Angiographie Cérébrale*—condensam uma experiência de mais de sete anos de trabalhos a que a fé e a tenacidade de Egas Moniz deram continuidade.

Assim se demonstraram as aplicações do método aos tumores dos lóbulos frontal e temporal e as indicações indirectas aos tumores da fossa posterior; os aspectos dos tumores cerebrais mixtos e emfim os caracteres da própria circulação dos tumores, nos meningiomas, astrocitomas, angiomas cerebrais, aneurismas, etc. Já não era o simples diagnóstico topográfico pela deslocação dos vasos mas o da *espécie neoplásica* pelos caracteres da irrigação.

Após o estudo da circulação arterial vem o das veias, nos novos aspectos anátomo-fisiológicos da circulação cerebral, que a arteriografia em série, em colaboração com José Caldas e graças ao engenhoso aparelho deste ilustre radiologista, permitiu precisar.

Modificaram-se as noções sobre a velocidade da circulação sanguínea, e conquistou-se esta noção fisiológica essencial: de que não há uma velocidade de circulação, mas várias velocidades de circulação, variáveis conforme os tecidos atravessados pelo sangue, as suas resistências, a sua própria hierarquia. É assim que o sangue caminha mais rapidamente no circuito da carótida interna que no da externa.

As aplicações ao diagnóstico da localização e variedades dos tumores cerebrais enriqueceram-se cada vez mais e criaram um novo capítulo da semiologia neurológica pelo menos tão importante como o da ventriculografia de Dandy e por vezes com precisões que esta não alcança.

Se o método de Egas Moniz teve, pois, no campo da neurologia um alcance bastante vasto para aureolar o seu nome de prestígio é justo dizer que as conseqüências das suas descobertas e dos seus trabalhos foram ainda mais amplos e transpuzeram o círculo restricto da neurologia. Os métodos devem julgar-se não só pelas aplicações aos fins para que foram criados, mas pelas conseqüências mais remotas e mais amplas que alcançaram. Assim, tenho muito prazer e honra em recordar, que foi a primeira exposição de Egas Moniz que me sugeriu o estudo e a aplicação da sua técnica

à arteriografia dos membros, donde havia de sair, pouco depois, a aortografia, isto é, a arteriografia dos órgãos abdominais. Foi ainda na mesma orientação de trabalhos que Lopo de Carvalho, de resto com a colaboração de Egas Moniz, criou a pneumografia e que por fim estudos mais recentes renovaram a flebografia. Paralelamente no Pôrto, a Escola de Hernâni Monteiro com Álvaro Rodrigues, Sousa Pereira e Roberto de Carvalho, criaram a linfografia, sem falar nas aplicações da arteriografia a estudos experimentais de cirurgia do simpático. E é curioso notar que o método que saíra da neurologia para fazer a volta ao corpo humano vinha reatar nas aplicações à neuro-cirurgia do simpático o ciclo completo das suas possibilidades.

Criou-se assim uma *Escola Portuguesa de Arteriografia*, considerada hoje em todo o mundo como tal e verdadeira criadora de todos estes capítulos novos da semiologia vascular e visceral como ainda da própria terapêutica arterial.

Seria injustiça não reconhecer que é a Egas Moniz, como iniciador destes estudos, que devemos a glória e o prestígio que hoje cabem a essa *Escola Portuguesa* que todo o mundo reconhece como a iniciadora e de mais larga autoridade neste capítulo essencial da anátomo-fisiologia, da semiologia e da patologia vasculares.

Falei da criação do método, das suas aplicações no campo neurológico, daquele em que nasceu e para que foi criado; falei nas repercussões mais amplas, para lá da neurologia, no campo da medicina e da cirurgia gerais. Falta-me dizer uma palavra, que poderia ser uma palavra de lição e filosofia, sobre a significação moral da descoberta a que me cabe prestar homenagem.

Em primeiro lugar a descoberta de um novo conceito, de um novo método, de um novo capítulo de uma ciência complexa como a medicina, não é nunca um facto banal e entre nós é mesmo excepcional. Tem-se dito que o português não tem espírito inventivo e que, se de facto são numerosos os homens competentes na sua ciência ou profissão, são raros os que a renovam, criando ideias novas, novos métodos. Deficiência de imaginação criadora a notar tanto nas Ciências como nas Artes?... Ou falta de estímulo, compreensão e suporte do mejo crítico?...

Por isso a lição de Egas Moniz é digna de ser meditada porque tendo tido uma ideia fecunda, concebida como um método, tendo-a ensaiado experimentalmente e aplicado à clínica até ver, enfim, alcançados os primeiros resultados sonhados, o sítio onde é mais duramente combatido é o

seu próprio País, tal é a desconfiança nacional por tudo que não seja a verdade importada! E, todavia, se havia país onde a ideia e o método poderiam ser julgados desde o início num aspecto largo, não apenas das aplicações imediatas e restritas mas do potencial de possibilidades futuras, esse país era o nosso! Que Egas Moniz me perdõe o recordá-lo, mas creio que as maiores dificuldades que teve de vencer não foram as técnicas, incréntes a todo o método em início e para as quais a força criadora que o concebeu é o mais seguro penhor de que serão vencidas, mas como criador de uma ideia nova, sobretudo porque era audaciosa, o risco maior que correu foi o da sua própria reputação de inventor com todo o perigo das críticas sem generosidade e das incompreensões hostis! E Egas Moniz soube correr esses riscos, afrontá-los com a força da sua fé, da sua tenacidade, da sua inteligência, do seu carácter. Creio que neste momento poderá ser mais grato ao espírito de Egas Moniz afirmar-lhe que desde o início da sua *Obra* — porque os trabalhos de Egas Moniz constituem hoje uma *Obra* — houve entre nós alguns homens que, desinteressadamente e por puro espírito de justiça, compreenderam o que havia de sério e de fecundo na ideia e na realização do seu método.

Se às homenagens da Academia posso juntar as minhas homenagens pessoais, aqui lhas deponho com a mais profunda admiração.

REYNALDO DOS SANTOS

(Lido na sessão plenária de 1 de Fevereiro de 1940).

Egas Moniz, escritor

Deve de haver uma dúzia de anos presidia à nossa Academia o eminente e querido confrade Doutor José Maria Rodrigues. Um académico da classe de ciências, o dr. Egas Moniz justamente—, ao entrar no uso da palavra, começou por dirigir-lhe alguns cumprimentos que José Maria Rodrigues desamava e costumava repelir com o mau modo que os tímidos disfarçam a timidez. Mal o académico pronunciara as primeiras frases de justíssimo aprêço, o Doutor José Maria Rodrigues fêz tal carão, que o Doutor Egas Moniz com certa graça lhe disse assim :

—«Esteja V. Ex.^a descansado que eu acabo já com os meus cumprimentos!...»

A rudeza aparente do temível polemista, que se batou com Camilo, quebrou-se em francas risadas que lhe sacudiram o arcaboço, e Egas Moniz não tardou a encerrar o prólogo amável.

Pois eu, não acabo daqui a pouco nem a muito o elogio de Egas Moniz. Endereçar-lhe-ei as palavras do exórdio daquela magistral oração pronunciada em homenagem a Malhõa: *«Mestre!» Como deves estar cansado de ouvir palavras de justiça a martirizarem a tua modéstia. Não quero agravar o mal concorrendo, pela minha parte, para a ladainha dos encómios, tanto mais que os meus ficariam, por deficiência própria, muito àquém dos teus méritos e muito àquém dos meus desejos.*

Ouvi aqui, nesta enternecida tarde académica, pela bõca de um notável Professor da Faculdade de Medicina, aclamar-lhe o valor de médico: a palavra de outro real valor da cultura portuguesa, que tanto lidou e firmou bons créditos na tribuna parlamentar, e sabe o que é eloquência, extremou-o como orador; e o brilhante e nobre representante de Portugal na Sociedade das Nações, que na última sessão foi bem a intérprete da dignidade nacional, apontou-o na sua facêta de diplomata. Que homem singular êste que resume tantos homens! E depois de tantas individualidades,

venho eu, e digo: será um grande médico, grande sábio; não duvido que as deusas madrinhas o hajam dotado com invulgar talento de orador e de diplomata; mas se os físicos, os parlamentares e os embaixadores o querem, nós o escritor não lho cedemos. Egas Moniz é da nossa raça, e da nossa classe.

Não lhe farei o elogio, apresso-me a socegá-lo com o mesmo intuito do seu aviso ao insigne mestre dos camonistas. Elogio, não: breve reivindicação.

Vou apenas folhear algumas obras da sua vasta bibliografia: uma oração académica, um livro de crítica literária, uma página de arte, três géneros diferentes e um grande escritor verdadeiro.

A oração na velada do Terceiro Jubileu da nossa Academia, consagrada às ciências de observação e de cálculo, preenchida por uma trindade de glórias mundiais: Gomes Teixeira, Gago Coutinho e Egas Moniz que falou do Papa João XXI, o Petrus Lusitanus, fulguração universal do medievo. É de mestre essa síntese da intensa vida do português do séc. XIII que foi médico e o primeiro tratadista de oftalmologia no mundo, e foi Papa, o único Papa Português! Não se esquecendo de seguir a trajectória da formação mental da grande figura pela Universidade de Montpellier e pela filosofia tomista, Egas Moniz assinala com orgulho bem nacional a repercussão que os doze tratados, de Petrus Hispanus, embebidos e bebidos nas doutrinas aristotélicas, tiveram desde o séc. XIV até princípios do dezassexto, em todas as aulas de lógica, sem faltar a nossa Universidade que só em meados do séc. XVI os substituiu pela *Dialéctica* de Pedro da Fonseca. Influência foi essa que Afonso, o sábio se lhe refere nos cantares do cioneiro Colocci-Brancuti, Dante o incluiu na galeria da *Divina* dando-lhe um bom lugar no Purgatório, e Grabman considera o *De Anima* como a Psicologia mais rica, completa e sistematisada da florida escolástica.

É repassado de aprêço científico, de ternura espiritual e de orgulhoso nacionalismo esse notável estudo de João XXI, tão pobre que houve de vender por sete liras a preciosa bíblia em pergaminho, tão grande que o seu nome enche um século, tão reputado que Gregório X fez do encomendado de Santo André em Chaves e Arcebispo de Braga o Cardial a quem entregou o Bispado de Tusculano onde o conclave de 1276 o foi buscar para suceder a Inocêncio V na cadeira de S. Pedro.

«A Medicina anda de há muito aliada às letras». São as palavras com que Egas Moniz abre o brilhante trabalho *Os Médicos no teatro vicentino*, lido na sessão inaugural do ciclo com que a Academia celebrou o IV Centenário de Gil Vicente, onde a-par da ostentação erudita da história da medicina seiscentista, há tanto vigor de descritivo e de análise, tanta desenvoltura de técnica que só por si afirmariam o formoso escritor. Porque, não é sòmente obra de sabedor da história da medicina, a quem fòssem familiares as figuras de Galeno e de Hipocrates, e que além dos fisicos de quinhentos vivesse também na intimidade dos arabistas Avicena e Rasis, mas o sentido literário do próprio espírito vicentino, com a boa graça portuguesa, e os seus oportunos desenhos de caracteres e de costumes. E como se tal não bastara, a cultura e o poder formal de Egas Moniz evocam em trechos de viva realidade o quadro dos serões manuelinos por onde perpassam o *Físico-Mór do Reino*, o *cirurgião-mór e os Físicos do Paço* que se espalhavam pelos grupos, citando amiude os textos latinos que andavam sempre na memória. Com bom humor e com graça, dá nm fecho de ternura a essa conferência magistral: *Físicos de outrora! Vejo-vos com vosso loba preta, que vos dá grandeza e compostura, com a vossa murça amarela de delicado recorte, com vosso manteu enrolado das noites solenes dos serões do Paço! Licenciado Tôrres, professor e fisico, dissei ao médico de hoje os versos que embalam o último sono ao grande Gil Vicente e que marcam a vossa e a nossa sorte perante o progresso iconoclasta da ciência.*

É uma tela dos serões dos paços manuelinos que podia muito bem ser um serão do Palácio de Jesus.

Mas se querem ver o homem de letras, em obra de fôlego e puramente literária, releiam o estudo àcêrca de *Júlio Diniz e a sua obra*. Dois grossos volumes. Documentação valiosa. Penetrante análise. Aí não se fica a nossa admiração apenas pelo poder verbal ou pela familiaridade de textos clássicos. O estudo de Júlio Denis — o mais completo que até hoje temos, e publicado cinco lustres antes de o Pôrto haver espertado o culto pelo autor das *Pupilas* com as comemorações do centenário — só o podia escrever alguém que muito à vontade se sentisse entre escritores profissionais.

Agora para se tirarem as últimas inquirições àcêrca do talento literário de Egas Moniz é abrir essa encantadora oração a Mestre Malhõa em que êle convida o Artista a fugir ao *sussurro laudatório*, e de braço dado isolarem-se a alargar a vista pelas *serras de Figueiró*.

Madrugada. Repicam os sinos. Respira-se um ar embalsamado de flor de rosmaninho. É a «Missa das seis» (legenda de um quadro de Malhõa). Acotovelam-nos à entrada. Anda depressa, senão temos de ficar entre os que enfileiram na esteira da porta principal. Com que concentrado respeito segue esta gente as fases da cerimónia! É o «Sanctus» (outro quadro de Malhõa). Batem compassadamente no peito os devotos corcovados. No altar-mór brilha uma tela de raro misticismo. É o «Baptismo de Cristo» (outro quadro) que o discípulo bem-amado asperge com as águas límpidas do Jordão...

Saiámos. O Sol brilha lá fora e apesar-de tudo tu tens tendências pagãs. Debaixo daquele castanheiro exerce o seu mîster o «Barbeiro da Aldeia». Senta-te nesse pedregulho ao lado do homem do chapêu de chuva. Êle tem um ar fatigado de bom aldeão. Sôbre a cacheira apoia o mento envelhecido. Com que perfeição o barbeiro escanhõa o freguez! Sente-se a cantadeira! A resignação do operado mostra as excelências do artista. Mas temos tempo para a nossa vez! Entrementes vamos dar uma volta pela vila. Aquela «Velhinha a fiar»!

E Egas Moniz, com inexcedível segurança técnica de rapsodista, vai encadeando a obra de Malhõa: «A Procissão», o «Mestre Escola», o «João Semana», «As Hortenses», os «Bebados», a «Caminho da Romaria», e descrevendoo-os com uma tal cõr, um tal vigor evocativo que a obra literária resulta uma nova obra de arte, um dos poucos casos em que um desprevenido admitiria que a obra-prima pudesse ter duas formas, e um experiente dirá que o trabalho de Egas Moniz traz contra-prova de que a prosa é a única arte que dispõe das faculdades, do poder e da magia de tôdas as outras artes. Efectivamente nesse trabalho evocador da obra de Malhõa—e que fica na bibliografia dêle como obra-prima—Egas Moniz reafirma-se um escritor, um prosador, isto é, artista excelso, singular valor.

Não sei se os contemporâneos terão sempre presentes os nomes dos valores nacionais. Falta-lhes aquêle livrinho que D. João II *organisara por sua mão, em segrêdo* e, só depois da hora em que a Rainha Isabel exclamou *Muerto es el Hombre*, passou às mãos de Garcia Rezende. Era um livro em que tinha todolos homẽs aptos para dêlles se servir nas cousas pera ã eram, cada hũs en seus titulos, hũs pera capitães de cousas grandes e outros de outras somenos, outros pera Embaixadores, e assi pera enviadeiros e tambẽ pera todolos carregos e cousas necessãrias de maneira como avia necessidade de hũa cousa, logo achava muitos homens nomeados

para ella e sê falar a alguê escolhia o q̃ melhor lhe parecia e assi era sêpre muyto bê servido e muito prestes. (1)

Se Egas Moniz houvesse sido contemporâneo de D. João II, o seu nome de tão grande repercussão mundial não deixaria o Rei de o apontar no tal livro, como o de homem apto para as coisas grandes e entre outras para a de bem escrever.

JOAQUIM LEITÃO

(Lido na sessão plenária, de 1 de Fevereiro de 1940).

(1) Chronica dos Valerosos e Insignes feitos del Rey Dom João II per Garcia de Rezende.



Algumas palavras

ILUSTRES ACADÉMICOS, MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES :

Cheguei aqui sem saber que os meus amigos tinham preparado uma festa, e das mais enternecedoras para mim, pela qualidade dos que intervieram na manifestação e pelo ambiente carinhoso em que decorreu. A minha fraca sagacidade não me fez suspeitar, nem de leve, do que ia passar-se. Justifica esta falta de previsão o reconhecimento de não haver razão para tão estremados louvores nem para festa de tão avantajado vulto. Por outro lado, a discreção dos meus eminentes confrades foi perfeita. Nunca os julguei tão cautelosos nas conversas que tiveram comigo e em que não transpareceu o mais leve traço de inconfidência.

Os oradores desta sessão, para mim inolvidável, quiseram cercar-me de uma auréola que me não pertence; e, assim, ousaram apreciar-me, não só na minha actividade actual, mas sob aspectos quasi perdidos na minha memória, referindo factos que foram agora ressuscitados nas palavras que me dirigiram.

Assim, o sr. Professor Caeiro da Mata, illustre Reitor da nossa Universidade, quis apreciar-me como diplomata na fugaz passagem que, há mais de 20 anos, fiz pela Legação de Madrid, pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros e na Presidência da Delegação Portuguesa à Conferência da Paz. Acidentado trajecto, ericado de dificuldades, açoitado por inesperados contratempos, que, felizmente, teve a duração efémera de um ano, mas que, ainda hoje, ao recordá-lo, me parece muito maior do que todos os outros.

De toda a minha modesta obra quis o sr. Professor Caeiro da Mata—êle, que é um notabilíssimo diplomata com larga fôlha de serviços ao nosso País—pôr em relêvo o reatamento das relações de Portugal com a Santa Sé. Pude levar a bom têrmo essa missão, em Madrid, porque tive a boa sorte de encontrar ali, como Nuncio Apostólico, Mgr. Ragonesi, mais

tarde Cardial e até um dos votados para ocupar o Sólido pontifício. Diplomata sagacíssimo e de larga visão, compreendeu a situação da política portuguesa dessa época, não fazendo pedidos que, embora fossem aceitáveis, poderiam, quando satisfeitos, comprometer mais tarde a obra realizada. E acedendo às minhas solicitações, conseguiu-se obra perdurável que nem governos extremistas ousaram aniquilar. Devo confessar que não foi por espírito de devoção religiosa que procurei o reatamento das relações com Roma; impunham-se ao meu critério político por saber que mais de 90 % dos portugueses são católicos e, como tais, justo era que não estivessem separados da Santa Sé.

O sr. Professor Moreira Júnior, amigo de há muitos anos, companheiro no Parlamento vai já para 4 décadas, recordou-me um passado distante e lembrou os nomes dos grandes cultores da eloquência, ao tempo tão apreciada, nas justas oratórias dos hemicíclios de S. Bento. Há quanto tempo isso vai! Lutámos lado a lado e, mais tarde, em campos opostos, sem que nunca a menor sombra conseguisse diminuir a sincera estima que sempre nos uniu. Numa admirável evocação, fez Moreira Júnior passar diante de meus olhos vultos do passado, e conseguiu fazer ecoar aos meus ouvidos a voz de alguns dos máximos valores do nosso parlamentarismo de antanho, pondo, como é de justiça, em lugar de maior relêvo, a figura inconfundível de António Cândido, que a nossa Academia glorificou um dia, e de tal sorte que, ao darem-lhe a palavra, alguém disse: «Silêncio! É a própria eloquência que vai falar!».

Afeiçoado a essas lutas, apreciando-as e vivendo-as intensamente, quando a elegância da forma e o brilho da dicção não diminuíam a intensidade da crítica e do ataque, tive uma viva satisfação em reviver, por momentos, tempos idos, arrastado pela palavra quente e persuasiva do Professor Moreira Júnior, que foi—êle próprio—um dos grandes oradores desses combates parlamentares.

O Professor Reinaldo dos Santos fez uma síntese primorosa do meu labor, melhor, do nosso trabalho, no campo da angiografia em geral. Quis pôr em relêvo a obra feita no campo da arteriografia e da flebografia cerebrais e da sua importância na anatomia, na fisiologia e na patologia cerebrais. Mas a generalização do método foi a grande obra dos médicos portugueses. O Professor Reinaldo dos Santos, com a arteriografia dos membros e a aortografia, abriu novos horizontes no campo da patologia. A angiopneumografia, que, com o Professor Lopo de Carvalho, levámos a

bom t rmo, foi outro campo de fecundas investiga es que êste ilustre professor estudou no campo da tuberculose pulmonar. Não esqueceu a Escola do Pôrto, que, com o Professor Hernani Monteiro e os seus colaboradores, procurou e conseguiu estudar os linfáticos, por sua vez tornados opacos aos raios X. E, assim, como muito bem acentuou o brilhante orador, formou-se uma escola de angiografia geral, produto de muitas canseiras e da larga colabora o de ilustres médicos de que não cito os nomes com receio de esquecer alguns dêles.

  um facto consolador para a medicina portuguesa, a pôr em relêvo nesta hora centenária, em que todos os valores devem ser considerados, a existência de uma Escola Portuguesa de Angiografia, conhecida, divulgada e seguida em tôdas as clínicas cirúrgicas bem organizadas do mundo.   digno de louvor êste aspecto nacional, p sto em relêvo no notável discurso do Professor Reinaldo dos Santos, feito com a sua costumada elegância de forma e fôrça de convic o e de justiça que, pelo que me toca, sinceramente agradeço.

O nosso insigne Secretário Geral, sr. Joaquim Leitão, mostrou uma fac ta em que não contava ver reflectida a minha modesta actividade. Descobriu nas minhas publica es uma obra literária que estou longe de possuir. Os escritores de raça jogam com as palavras em tais feitiçarias de composi o que conseguem dar a ilusão de que   obra doutros o que apenas lhes pertence. Assim, o sr. Joaquim Leitão tais rebuscas f z em algumas conferências minhas, em tão elevado realce p s alguns passos d esses trabalhos, que, ao cit -los, os desconheci. Surgiram mais belos, não porque tivessem mudado as expressões, mas pelo brilho que lhes emprestou o quadro em que os colocou, o ambiente em que os f z movimentar e, sobretudo, a subtilidade com que soube levantá-los na dic o impecável do discurso proferido. Qu si me não reconheci ao tratar do Papa João XXI, ao ocupar-me dos Médicos no Teatro Vicentino e ao elogiar a Obra de José Malhõa, o mais português de todos os nossos pintores que sentiu e perpetuou a alegria e a m gua da nossa terra, alumiadas pelo sol que brilha nas suas telas e acariciadas pela sa dade portuguesa a que soube dar forma e c r.

O sr. Joaquim Leitão quis brindar-me com merecimentos literários que excedem em muito a minha maneira de escrever. Mas   mais grave a sua responsabilidade nos Anais da nossa Academia, porque foi o grande instigador desta sessão, que conseguiu levar a t rmo, em conspira o amiga, e que profundamente me tem emocionado.

O sr. dr. Júlio Dantas acaba de entregar-me o pesado encargo da Presidência com palavras encomiásticas e muito amigas que de há muito estou acostumado a ouvir-lhe. Julga-me capaz de continuar a sua acção no alto pôsto em que venho substituí-lo! De há muito procuro na minha Classe quem, com mais brilho e proveito para a Academia, possa ocupar esta cadeira. A ambição, que muitas vezes é virtude, não medra a dentro da nossa confraria, pois, sendo elevada a situação, mais cubiçada devia ser. Tal não sucede e, assim, mais uma vez quizeram os meus presados consócios elevar-me à Presidência.

O sr. Dr. Júlio Dantas ocupa nas letras pátrias e no meio social português uma das mais altas posições alcançada por méritos indiscutíveis. Tem, desde há muito, dedicado à Academia um carinhoso disvelo; tem-lhe dado, com sacrifício da própria saúde, muito e pesado esforço; tem ganho, em seu proveito, árduas batalhas. Se a Academia disfruta hoje a situação que ocupa no mundo das letras e das ciências, se consegue concentrar em si a actividade cultural máxima do ciclo centenário, se pode editar obras que merecem o aprêço de cientistas nacionais e estrangeiros, se leva aos meios académicos e universitários do mundo culto, a expansão do nome de Portugal, deve-se isso ao sr. Dr. Júlio Dantas. Soube juntar à sua incomparável actividade, o esforço de brilhantes colaboradores e conseguiu impulsionar as energias latentes da nossa Companhia.

Não podemos agradecer de forma condigna tudo o que lhe devemos. Apenas lhe digo daqui o que todos os académicos sentem pelas suas altas qualidades e pelos grandes serviços que a Academia lhe deve. (Aplausos).

Não accitaria êste lugar, num ano de tanta responsabilidade o árduo trabalho, se não confiasse na prometida colaboração que, a dedicação do Dr. Júlio Dantas a esta Casa, e a amizade com que me honra, tornarão certa e eficaz.

Muito lhe agradeço as suas palavras, que guardo como demonstração da sua grande generosidade no momento em que me sinto confundido com tão excessivas expressões.

Aos brilhantes oradores que me antecederam, aos ilustres académicos presentes que acorreram a esta sessão em tão elevado número, à selecta assistência, a todos rendo os protestos do meu profundo reconhecimento.

EGAS MONIZ

(Em sessão de 1 de Fevereiro de 1940).





RÓ
MU
LO



CENTRO CIÊNCIAS VIM
UNIVERSIDADE COIMBRA

1329683060

